



# QUEBRANDO A COSTELA EPISTEMOLÓGICA DE ADÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA QUEER DE ESTUDOS SOBRE AS OBRAS AUDIOVISUAIS E A PERFORMANCE DE LINN DA QUEBRADA

Ed Ney Borges Dias <sup>1</sup>  
Gabriela Frota Reinaldo <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo se constitui uma revisão bibliográfica de estudos de Pós-Graduação, publicados nos últimos três anos (2017-2019), acerca das obras audiovisuais e da performance da artista contemporânea brasileira Linn da Quebrada. A revisão faz parte do substrato de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no PPGCOM/UFC, a qual se propõe investigar o uso do videoclipe por Linn da Quebrada, autodenominada como "bixa travesty" negra, na produção de imagens-sons transnviadescidos em contra-ataque à cisheteronormatividade branca. Para a contextualização dos trabalhos, é feito um diálogo com a Crítica *Queer of Color* e discussões sobre o hibridismo do vídeo e do videoclipe. O objetivo do artigo é traçar rotas metodológicas de fuga das costelas de uma epistemologia de matriz heterossexual branca. Ao se traçar uma "radiografia cartográfica" dos trabalhos acadêmicos sobre as produções artísticas e a performance de Linn da Quebrada, é possível perceber uma concentração considerável de estudos na área de Comunicação. A partir desse dado, pode-se tatear rachaduras epistemológicas dissidentes de uma Comunicação queer brasileira, que intersecciona gênero, sexualidade e raça no estudo sobre vídeo.

**Palavras-chave:** Queer, Linn da Quebrada, Videoclipe, Comunicação, Revisão bibliográfica.

## INTRODUÇÃO: NOVA EVA

"Eu quebrei a costela de Adão... Muito prazer. Eu sou a nova Eva. Filha das travas, obra das trevas"<sup>3</sup>. É assim que a artista transmidiática contemporânea Linn da Quebrada se apresenta no *trailer* de *Bixa Travesty* (2018), documentário roteirizado por ela e pelos diretores Claudia Priscilla e Kiko Goifman, dupla que assina a direção do filme. A fala introdutória de Linn, que se autodenomina "bixa travesty" preta, periférica e "terrorista de gênero", tensiona os ossos da estrutura cisgênera, heterossexual, falocêntrica, branca e classista hegemônica (representada na figura de Adão) a fim de provocar ruptura, ou, ao menos, fissuras e fricções, por meio da arte. A declaração, além de permitir vislumbrar o tipo de estética-política adotada

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e integrante do IMAGO – Laboratório de Estudos de Estética e Imagem, também da UFC. E-mail: ed.borgesdias@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora orientadora. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da UFC. Coordenadora, juntamente com o Prof. Osmar Gonçalves (UFC), do IMAGO – Laboratório de Estudos de Estética e Imagem. E-mail: gabriela.reinaldo@gmail.com.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PILdBo8p81c>>. Acesso em 16 jun. 2019.



por Linn, também simboliza um movimento emergente de ativistas (artistas ativistas) queer no Brasil da última década (COLLING, 2018).

“Queer” é um termo de origem anglo-saxônica que pode ser traduzido como “estranho”, “excêntrico” e/ou “raro” (LOURO, 2001, p. 546). Historicamente, foi um xingamento utilizado para insultar pessoas dissidentes da heterossexualidade, operando, segundo Judith Butler, como uma prática linguística cujo objetivo era não só degradar o sujeito, mas também constitui-lo mediante essa degradação (BUTLER, 2002). A partir do final dos anos 1980, a palavra “queer” foi apropriada e ressignificada por movimentos sociais, teóricas/os e indivíduos que rompiam os binarismos sexuais e de gênero (LOURO, 2004). Queer é “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada” (LOURO, 2004, p. 38), que materializa “um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (*ibidem*, p.8).

Na música brasileira da atualidade, vários são os “corpos estranhos” que elaboram performances artísticas queer para reivindicar o lugar político da dissidência sexual e de gênero, em que se produz paródias e desestabilizações das regras do Sistema heteronormativo<sup>4</sup>. Linn da Quebrada é uma dessas personalidades que ganharam visibilidade na cultura pop brasileira.

Nascida em 1990 na capital de São Paulo e criada no interior do estado, Linn da Quebrada teve sua imagem e sua voz amplamente projetadas no cenário nacional com o videoclipe “Enviadescer”, lançado na plataforma digital YouTube, em 2016. A partir daí, o trabalho da *performer* (tal como seu corpo e sua identidade) se expandiu um processo contínuo de (des)construção e adquiriu mais fortemente, com o passar dos anos, um caráter transmidiático, em trânsito constante entre música, performance, cinema, televisão e vídeo.

Em 2017, Linn lançou o álbum de estreia *Pajubá*, fruto de um financiamento coletivo realizado na internet, em colaboração com a “legião” de fãs “transviadas sapatão”. No ano seguinte, em conjunto com a produtora musical e *dj* BadSista e o público, desenvolveu o “processo performático” *Trava línguas*, baseado no jogo de palavras, na repetição, no improviso e na experimentação sonora em shows ao vivo. Esse trabalho inaugura um novo ciclo na sua produção artística, que segue a se desabrochar com os *singles* “mEnorme” (2018) e “Fake dói” (2019) e com os prenúncios de um segundo álbum.

---

<sup>4</sup> O termo “cistema” é usado pela transfeminista brasileira viviane v. (2015) – cujo nome é grafado por ela própria em minúsculo – para explicitar “o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas”, compostas por regras, normas e práticas reiteradas que tomam como referencial corpos cisgêneros, hierarquizando-os acima de corpos transgêneros e perspectivas não cisgêneras, as quais, por sua vez, “são excluídas, minimizadas, ou silenciadas” (V., 2015, p. 15). Além do cistema, há uma matriz heterossexual (BUTLER, 1993, 2012) em que são reiteradas normas e práticas que constroem a heterossexualidade como única orientação sexual legítima, em detrimento das demais sexualidades baseadas em desejos que escapam às regras institucionalizadas. Articula-se, assim, uma cisheteronormatividade.

A partir de obras híbridas, porosas e iminentemente performáticas e audiovisuais, a artista tece uma estética-política que ela chama de “terrorismo de gênero”, uma arma queer discursiva usada em contra-ataque à cisheteronormatividade. Nas palavras de Linn:

Quando pensei em terrorista de gênero, pensei na violência e no terror, em tocar o terror mesmo. Porque eu acho que, pra corpos como o meu, a violência já se naturalizou sobre mim, e quando a violência vem desses corpos como reação, ela causa espanto. Então, eu trago a violência na linguagem ou o terror na estética pra que isso cause um impacto e pra que as pessoas se relacionem com aquilo de alguma forma (Linn da Quebrada, 2017, Programa Entrevista).

Percebe-se, então, que o objetivo da estética terrorista de Linn é impactar o Sistema, estrutura social que, atrelada a outros mecanismos sistemáticos de opressão (tais como o racismo, o machismo e a transfobia), violenta corpos transgêneros (especialmente os negros) como o seu<sup>5</sup>. O ato violento da reação estética de Linn, porém, não se refere a uma violência física voltada a um indivíduo, mas sim a uma violência no nível do simbólico, direcionada aos alicerces do poder masculino. Com esse impacto, a *performer* busca criar, de modo artístico, uma ponte relacional e comunicativa com o “Outro”.

Esta revisão literária, então, trata-se de uma “radiografia cartográfica” pontual dos estudos que se preocupam com as rachaduras provocadas pelas obras audiovisuais e pela performance artística de Linn da Quebrada. Para isso, foi realizado um levantamento dos trabalhos escritos em língua portuguesa, produzidos por autores de áreas diversas no âmbito da Pós-Graduação e publicados *on-line* no decorrer dos últimos três anos (2017-2019). O objetivo é analisar as produções acadêmicas coletadas, observar as abordagens metodológicas e referências bibliográficas adotadas e entrever as lacunas existentes.

Para construir o substrato desse levantamento, propõe-se uma reflexão sobre tópicos teóricos em duas partes. Na primeira, é feita uma breve incursão a autoras/es da teoria queer, no decorrer da qual se busca costurar apontamentos teóricos brasileiros sobre os desafios da aplicabilidade dos estudos queer do Norte em contextos socioculturais do Sul Global, além de estabelecer um pontual debate com a *Queer of color Critique* (crítica queer de cor). Na segunda

---

<sup>5</sup> O Brasil é o país em que mais se mata pessoas trans no mundo em números absolutos, segundo dados do mais recente relatório internacional da ONG Transgender Europe, referente ao ano de 2017 (disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>>; acesso em 04 jun. 2019). De acordo com o Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), foram contabilizados 179 assassinatos de travestis ou transexuais no referido ano. Desses casos, 80% das vítimas eram negras ou pardas (Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2018-01/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>>. Acesso em 23 jun. 2019). Vale ressaltar que um desses homicídios aconteceu em 2017 foi o da travesti Dandara dos Santos, brutalmente assassinada no Ceará, caso que ganhou repercussão nacional e internacional.

seção, procura-se trazer discussões em torno do vídeo enquanto linguagem atravessada por outras artes, da qual se derivam formas híbridas, como a vídeo-arte, a vídeo-performance e o videoclipe. As elucubrações das duas seções podem auxiliar na análise dos trabalhos colhidos e no aprofundamento da complexidade que os envolvem.

Este artigo se configura como um desdobramento inicial de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), acerca da utilização comunicacional e terrorista de gênero que Linn da Quebrada faz do videoclipe para tramar imagens e sons transenviadescidos em resposta ao Sistema heteronormativo. A partir da revisão, busca-se tatear possíveis rotas metodológicas de uma Comunicação com inspiração epistemológica queer, que interseccione gênero, sexualidade e raça para os estudos de vídeo e suas múltiplas formas.

## RANHURAS METODOLÓGICAS

Um pouco depois de Linn da Quebrada eclodir no cenário nacional para fraturar simbólica e epistemologicamente a costela do homem branco, heterossexual, cisgênero, burguês hegemônico, pesquisadoras/es brasileiras/os (cis e transgêneros) de vários campos de estudo iniciaram uma produção acadêmica sobre a irrupção da “bixa travesty preta terrorista de gênero”. Ora os trabalhos e os discursos da artista são colocados no cerne do *corpus* desses estudos, ora o ativismo da *performer* é apenas citado como parte de um contexto mais amplo de movimentos de dissidência sexual e de gênero no Brasil.

Esta revisão bibliográfica pretende radiografar / cartografar os escritos cujo interesse maior está concentrado na performance artista de Linn da Quebrada e nas obras audiovisuais que ela elabora. O termo “radiografar” – usando num sentido metafórico – evoca um tipo de visibilidade/não visibilidade restrita e permeada por vislumbres ósseos e pontos cegos, aspecto pertinente para se entender as análises e as lacunas da cartografia aqui impressa.

Já o ato de cartografar aqui aludido se trata de um levantamento de dados que considera que “paisagens psicossociais também são cartografáveis” (ROLNIK, 1989, p. 15). A cartografia social pode ser entendida como “estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, [...] apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2019, p. 47). Por isso, adotar tal tipo de procedimento metodológico ajudar a compor o esboço de um quadro fértil para os estudos que colocam Linn da Quebrada e sua obra como foco.

## TRANSLESBIENVIADSCER OS SABERES: QUEER, *QUEER OF COLOR* E CU(IR) À BRASILEIRA

A partir dos anos 1990, um grupo diversificado de estudiosas/os do Norte global buscaram com suas produções teóricas implodir a lógica binária dos gêneros e das sexualidades (LOURO, 2001). Surgiu, assim, o que se convencionou chamar de teoria queer, conjunto de estudos que influenciaram fortemente pesquisas sobre dissidências sexuais e de gênero.

Entre os vários nomes do eixo Norte catalisadores do processo de teorização acadêmica queer, dois, em geral, costumam ganhar destaque por suas contribuições conceituais: Judith Butler e Paul B. Preciado. Em suas obras, a filósofa estadunidense Judith Butler desenvolve reflexões ao redor de termos como “performatividade de gênero”, “heterossexualidade compulsória” e “abjeção”. A partir desses e de outros conceitos, Butler problematiza a falsa naturalização das categorias “gênero” e “sexo” – que são performativamente produzidas por práticas discursivas intencionais, reiteradas e coercitivas – e a exclusão provocada por uma matriz heterossexual reprodutora que empurra sujeitos desviantes da heteronorma para o campo de corpos abjetos que “não importam” (BUTLER, 1993, 2012).

Já o filósofo espanhol Paul B. Preciado pode ser entendido como um “marco nas teorizações em uma perspectiva queer fora dos Estados Unidos” (PELÚCIO, 2014, pp.30-31), embora ainda assim esteja inserido em um contexto europeu hegemônico de produção de conhecimento. Com suas obras, Preciado tece conceitos como o de “era farmacopornográfica” – uma leitura de um regime pós-industrial, global e midiático de sociedade que entrelaça capital, narco-fármacos e sexualidade produzida pela pornográfica (PRECIADO, 2008) – e também um manifesto à “contrassexualidade” (PRECIADO, 2014).

No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, a noção de queer se populariza por meio da academia, e não dos movimentos sociais (PELÚCIO, 2014). Isso provocou tensões com a militância local e mudanças na conotação política contestatória do termo, aqui aportado como uma palavra *gringa*: em vez de simbolizar apropriação de um xingamento histórico, aproximava-se mais de “um afago que uma ofensa”, conforme resgata a pesquisadora Larissa Pelúcio (2014, p.30). Mais fortemente no decorrer da última década, teóricas/os brasileiras/os têm problematizado a assimilação do queer euro-norte-americano. Nessa torção subalterna direcionada ao Sul, procuram esboçar apontamentos para repensar a teoria queer a partir dos trópicos, de modo a entrecruzá-la com raça, cor, classe e outros marcadores socioculturais (COUTO JUNIOR; POCAHY, 2017).

Várias/os pesquisadoras/es tracejam rotas epistemológicas antropofágicas para reelaborar o queer no Sul Global, mais especificamente no contexto latino-americano e, ainda mais localizado, no brasileiro. A teoria cu e a epistemologia cucaracha, instigadas por Larissa Pelúcio; a pedagogia e o currículo queer, pensados por autoras como Guacira Lopes Louro; os estudos transviados, propostos por Berenice Bento; e o envidescer rumo à interseccionalidade, elucubrado por Leandro Colling, Alexandre Nunes Sousa e Francisco Soares Sena (inspirados no trabalho de Linn da Quebrada), são algumas das “epistemologias queer” cartografadas por Dilton Ribeiro Couto Junior e Fernando Altair Pochay no âmbito atual da pesquisa no Brasil sobre dissidências de gênero e sexuais (COUTO JUNIOR; POCAHY, 2017).

Nesse contexto de reformulação, sob um viés anticolonial e antirracista, a vertente *Queer of Color Critique* (ou crítica queer de cor) surge como um caminho epistemológico alternativo que tem influenciado autoras/es como Catarina Alessandra Rea. Para Rea, a teoria queer conhecida no Brasil, em grande parte dos casos, é uma teoria queer branca, centrada quase que unicamente na dissidência sexual e de gênero, parecendo, ainda segundo a autora, pouco preocupada com as questões raciais e os efeitos atuais da colonialidade (REA, 2017).

A vertente *queer of color* propõe uma abordagem queer interseccional, descolonizada e complexa do fenômeno da dominação (REA, 2017). Assim, a teoria e a crítica queer de cor “abordam, sem separá-los, o gênero, as sexualidades, o racismo, a colonialidade, o genocídio, a escravidão, a pós-escravidão e a exploração de classe” (BACCHETTA, FALQUET, ALARCÓN *apud* REA, 2018, p. 118).

Guiada pela intenção de procurar outros caminhos que não os da perspectiva branca europeia norte-americana, Rea propõe uma genealogia do queer que resgata o texto *Borderlands/La frontera. The New Mestiza* (1987), da feminista lésbica chicana Gloria Anzaldúa. Nele, de acordo com Rea, a autora aproxima a condição de queer da noção de fronteira, que não seria apenas uma divisória entre duas identidades fixas e coesas, mas sim um ponto de união e transgressão, constantemente atravessado por alguns sujeitos, inclusive pela própria Anzaldúa (REA, 2018). “Sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro”, afirma Anzaldúa (ANZALDÚA *apud* REA, 2018, pp. 119-120).

Tal reflexão dialoga diretamente com a provocação de Linn da Quebrada no *trailer* de *Bixa Travesty* (2018), ao se dizer “filha das travas, obras das trevas”. A fronteira, a margem, o entre-espço parece ser justamente o lugar que Linn habita e (des)constrói sua identidade, a partir de seus videoclipes e de outras obras terroristas de gênero.



## DESLOCAMENTOS AUDIOVISUAIS DA “PIRIGOZA” NAS FRONTEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Linn da Quebrada rabisca traços em aberto de uma “bixa travesty” transgressora das regras heterocentradas, desviante dos padrões homossexuais falocêntricos e destoante da fixidez identitária. Tal experiência de sujeito fronteiriço pode ser vista pela estrutura hegemônica como ameaçadora e “pirigoza”, como no jogo de palavras de Linn da Quebrada na música “Pirigoza”, do álbum *Pajubá* (2017). Conforme lembra Juliana Coelho (2012), todas as margens são vistas enquanto um perigo à ordem social dominante, “pois podem alterar experiências seguramente estruturadas” (COELHO, 2012, p. 58). Amparada no pensamento do antropólogo Victor Turner, Coelho articula que a existência “liminar” de corpos e performances trans representa um risco de desestabilização da matriz heteronormativa (*ibidem*). Tal matriz, escreve Coelho, baseada em Butler (1993, 2012), empurra identidades não heterossexuais e não binárias “para um limbo de pessoas aberrantes e perigosas” (COELHO, 2012, p. 53). Zonas que, além de perigo, evocam desejo e abjeção (PELÚCIO, 2009).

Aparentemente consciente do perigo experimentado e causado por seu corpo em contato com o tecido social, Linn fabrica “aberrâncias audiovisuais” (NEVES; POSTINGUEL; GONZALEZ, 2019) em um “ativismo musical de gênero” (ROCHA; SANTOS, 2018; ROCHA, 2018 *apud* NEVES; POSTINGUEL; GONZALEZ, 2019). Embebidas de uma estética-política de terrorismo de gênero, as obras de Linn (especialmente os videoclipes) tendem a flertar com várias linguagens artísticas, como performance, música e videoarte, evidenciando o hibridismo da arte contemporânea.

Não é à toa que diferentes manifestações artísticas se imbricam no vídeo, o qual pode ser visto como uma “estratégia híbrida de construção de sentidos”, ainda mais quando inserido na cultura digital (MELLO, 2008). De acordo com o pesquisador Thiago Soares, “a especificidade da linguagem do vídeo talvez seja não ter especificidade”, ou seja, “se é possível estabilizar a dinâmica das articulações na criação a partir do vídeo, este sustentáculo é o do hibridismo” (SOARES, 2004, p. 34). Assim, o vídeo pode ser entendido como uma região fronteiriça em que diferentes artes se deslocam, produzindo um “desvio ou estranhamento” (MELLO, 2008, p. 25), efeito consonante com as perturbações que Linn quer causar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO: RADIOGRAFIA CARTOGRÁFICA DE UMA COSTELA ADÂMICA QUEBRADA



O levantamento de trabalhos foi realizado via *on-line*, por meio da Plataforma Sucupira, do Portal de Periódicos da CAPES e do Google Acadêmico. Houve também uma busca ativa nos anais digitais de congressos e eventos acadêmicos, dando atenção especial aos principais da área de Comunicação e Audiovisual, a saber: Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação); Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação); e Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual). Vale ressaltar que, na Socine, nenhum artigo dos anais de textos completos trazia expressamente o nome de Linn da Quebrada.

Foi estabelecido como marco inicial de tempo de procura o ano de 2016, quando Linn da Quebrada lançou o *single* e o videoclipe “Enviadescer. Porém, nenhuma menção acadêmica à artista dessa época foi localizada. Assim, os trabalhos coletados dizem respeito ao período de 2017 a junho de 2019, momento em que o levantamento foi encerrado. Como palavras-chave, foram utilizados os termos a seguir, de maneira isolada e/ou combinada, em ordem de maior prioridade: “Linn da Quebrada”, “queer”, “vídeo”, “videoclipe”, “LGBT”, “trans” e “travesti”.

Passado o primeiro movimento de procura pelas produções, os critérios de seleção foram aplicados mais diretamente. Optou-se por selecionar trabalhos escritos apenas em língua portuguesa (publicados dentro ou fora do Brasil), com cinco ou mais referências nominais à Linn da Quebrada, e desenvolvidos por autores do âmbito da Pós-graduação (especialistas, mestres/mestrandos, doutores/doutorandos, pós-doutores/pós-doutorandos e docentes universitários). Vale-se ressaltar que, dada a pontualidade do tema revisado, não foi feita, de maneira geral, restrição de *qualis* às revistas em que foram encontradas as publicações.

Selecionados os trabalhos após a pesquisa *on-line*, houve uma catalogação constituída a partir de uma leitura abrangente dos resumos e de elementos específicos do texto. O resultado desse processo deu origem a uma “radiografia cartográfica”. A partir dela, é possível ter uma visão panorâmica das produções que colocam a obra de Linn da Quebrada no cerne da pesquisa.

Ao todo, fazem parte da curadoria carto-radiográfica 25 trabalhos: uma (1) tese; 2 (duas) dissertações; um (1) trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação *lato sensu*; 10 artigos constantes em anais de congressos, encontros de pesquisa e seminários; e 11 artigos de revistas e periódicos acadêmicos. Um dado importante de se apontar é que, apesar de haver publicações do Norte-Nordeste do Brasil, grande parte dos estudos encontrados foram produzidos e/ou apresentados no contexto das regiões Sul-Sudeste do país (20 dos 25 trabalhos).

Com relação às abordagens adotadas, doze (12) trabalhos integram a perspectiva queer ao estudo do videoclipe – ou, pelo menos, aludem ao vídeo e ao audiovisual –; nove (9)

concentram-se no viés queer; e quatro (4) partem de demais pontos de vista ou de outros questionamentos para debater o assunto. Embora circunscritas às Ciências Humanas e às Artes, as produções contabilizadas vêm das mais diversas áreas de conhecimento: Psicologia, Teatro, Música, Estudos culturais, Estudos interdisciplinares, Moda, Sociologia, Educação, Comunicação e Letras. Em especial, a área de Comunicação se sobressai por ser a que mais apresenta trabalhos publicados (nove, no total), de acordo com os critérios da radiografia.

Dentro do campo comunicacional, destaca-se a dissertação *Queer made in Brazil: visibilidade (hiper)midiática da diversidade sexual e de gênero em videoclipes*, de Paul Parra Alves de Oliveira, de 2019. Nela, o autor aborda os videoclipes dos artistas queer Linn da Quebrada, Liniker, Rico Dalasam, Johnny Hooker e São Yantó como produtores de uma “visibilidade (hiper)midiática” de discursos sobre diversidade sexual, de gênero, étnico-raciais e sociais que vão além do *mainstream*, por meio do audiovisual. Para empreender a investigação, cerca-se de uma base teórica advinda dos estudos contemporâneos (Homi Bhabha, Stuart Hall, Hans Ulrich Gumbrecht, entre outros) e os estudos queer (Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Jose Esteban Muñoz, Paul B. Preciado, Sara Salih, entre outros). Em cada um dos tópicos da dissertação, Oliveira inaugura as reflexões acadêmicas com imagens de suas próprias obras artísticas, que espelham sua vivência da transgeneridade. Apesar de não ser o único que aborda a dimensão do audiovisual, ele é o único autor que opta por colocar “videoclipe” como palavra-chave do trabalho.

Outro nome bastante presente na radiografia cartográfica é o da pesquisadora Rose de Melo Rocha, que têm escrito, em parceria com outros estudiosos, vários textos em que reflete acerca do “ativismo musical de gênero” e “trans-ativismo audiovisual” na cultura midiática brasileira. O artigo catalogado mais recente, de sua autoria e de Aline Rezende, é o “Diva da sarjeta: ideologia envidescida e blasfênea pop-profana nas políticas de audiovisibilidade da travesti paulistana Linn da Quebrada”, publicado na Revista Contracampo, em abril de 2019. Nele, são investigadas as resistências trans mobilizadas por Linn com suas obras. As autoras fazem das próprias palavras-chave um lugar de contraponto a uma epistemologia falocêntrica e heterocentrada, ao adotarem termos como “ideologia envidescida” e “dissenso feminino”.

Migrando da Comunicação e adentrando zonas fronteiriças entre as áreas de conhecimento, uma autora que também se utiliza do jogo de palavras como potência política, criativa e epistemológica é Dodi Tavares Borges Leal. Doutora em Psicologia Social, Leal usa abundantemente na sua tese, intitulada de *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral* (2018), termos oriundos do pajubá e trechos do

discurso de Linn da Quebrada, que entremeiam as experiências transgêneras da própria pesquisadora. Além disso, a tese é um dos poucos trabalhos encontrados que entrelaça teoria queer, questões de raça/etnia e discussões anticoloniais/decoloniais. Outro exemplo disso é o artigo “Corpos transviados ao Sul do Equador: o que Linn da Quebrada tem a nos (des)ensinar?” (2018), assinado por Dilton Ribeiro Couto Junior e João Paulo de Lorena Silva, publicado na Revista Cocar, da área de Educação.

Na elaboração da radiografia cartográfica apresentada, a maior dificuldade encontrada se deu diante da indexação de alguns anais, que limitava a eficiência das buscas empreendidas pelos termos escolhidos. Não incomumente foram achados trabalhos que possuíam o nome de Linn da Quebrada diretamente expresso, mas que não haviam aparecido nas primeiras buscas ativas pelas palavras-chave. As lacunas, as obstruções, as ausências, as regiões opacas, porém, fazem parte da própria constituição dessa radiografia cartográfica, que não pretendeu imprimir uma revisão bibliográfica transparente ou totalizante dos assuntos nela abordados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento daquilo que está sendo produzido acerca das obras audiovisuais e da performance artista de Linn da Quebrada, procurou-se identificar as rotas metodológicas que pesquisadoras/es brasileiras/os têm seguido para fraturar a ossatura hegemônica do Sistema heteronormativo e fugir, minimamente, de uma epistemologia falocêntrica de um Norte Global branco. Poucos os trabalhos, dentro do escopo da radiografia cartográfica aqui analisada, utilizam-se de referências bibliográficas latino-americanas e da crítica *Queer of Color*. Porém, alguns apresentam problematizações anticoloniais/ decoloniais e se preocupam em abordar raça/etnia nos debates queer.

Dentro desse contexto, a Comunicação pode ser entendida como uma área de conhecimento importante para os trabalhos elaborados sobre os vídeos e os discursos dissidentes de Linn da Quebrada, tendo em vista que é nela que a maior parte dos escritos acadêmicos foi localizada pela radiografia cartográfica. Essa produção proeminente pode ser um reflexo da maior visibilidade que as discussões sobre gênero, corpo e sexualidade têm adquirido em eventos da Comunicação. Exemplo disso são os encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que, a partir de junho de 2018, passaram a contar com um Grupo de Trabalho específico para essas reflexões (o GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades).

Nesse sentido, a radiografia cartográfica permite vislumbres de como pode ser feita a articulação entre estudos da comunicação, de gênero e sexualidade, do vídeo e do audiovisual, pós-coloniais e queer. Ela fornece um substrato para que se possa esboçar veredas de uma epistemologia transviadescida decolonial, insurgente e transgressora de uma matriz colonial, heterossexista e cissupremacista. Tal como o terrorismo de gênero de Linn da Quebrada incita.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'**. New York, NY: Routledge, 1993. 288 p.

\_\_\_\_\_. **Criticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades Transgresoras - Uma antologia de estúdios queer. Ed. Icaria: Barcelona. P. 55-79. 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012. 236 p.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o show: Performances trans na capital cearense**. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2012. 163 p.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Sala Preta**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 152-167, 30 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684/141503>>. Acesso em 22 jun. 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton; POCAHY, Fernando. Dissidências epistemológicas à brasileira: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em Educação. **Revista Inter Ação**, v. 42, n. 3, p. 608-631, 5 dez. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; SILVA, João Paulo de Lorena. Corpos transviados ao Sul do Equador: o que Linn da Quebrada tem a nos (des)ensinar?. **Revista Cocar**, Belém, v. 12, n. 23, p.318-341, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/1730/949>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral**. 2018. 536 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia Social, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13112018-144518/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LINN DA QUEBRADA. **Pajubá**. São Paulo: Web, 2017. 1 CD.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 92 p.

\_\_\_\_\_. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC: v. 9, 2º semestre de 2001, p.541-553. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2019.

MARTINS, Helena. Número de assassinatos de travestis e transexuais é o maior em 10 anos no Brasil. **Agência Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/assassinatos-de-travestis-e-transexuais-e-o-maior-em-dez-anos-no-brasil>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo, SP: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

NEVES, Thiago Tavares das; POSTINGUEL, Danilo; GONZALEZ, Fernando. O Canto da Quebrada: aberrâncias audiovisuais, fricções e transgressão do sistema. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: 2019. p. 1 - 19. Disponível em:

<[http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_5BWNVKW0CRR8OYK7EHJF\\_28\\_7349\\_16\\_02\\_2019\\_05\\_52\\_59.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5BWNVKW0CRR8OYK7EHJF_28_7349_16_02_2019_05_52_59.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVEIRA, Paul Parra Alves de. **Queer made in Brazil**: visibilidade (hiper)mediática da diversidade sexual e de gênero em videocliques. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação e Cultura, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba (UNISO), Sorocaba, 2019. Disponível em: <<http://189.108.239.211/producao-discente/2018/pdf/paul-parra.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**. São Carlos, ano 1, n. 2, nov, 2014, p. 26-45.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid. Espasa-Calpe. 2008.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REA, Caterina. Crítica Queer of Colour e deslocamentos para o sul global. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017, Florianópolis, p. 1 - 10. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503763392\\_ARQUIVO\\_FazendoGenero2017\\_modelo.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503763392_ARQUIVO_FazendoGenero2017_modelo.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Pensamento Lésbico e Formação da Crítica Queer of Color. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 2, p.117-133, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26201/16057>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ROCHA, Rose; REZENDE, Aline. **Diva da sarjeta**: ideologia envidescida e blasfênea pop-profana nas políticas de audiovisualidade da travesti paulistana Linn da Quebrada. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.1, p. 22-34, abr—jun 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/28079/pdf>>. Acesso em 23 jun. 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SOARES, Thiago. **Videoclipe**: o elogio da desarmonia. Recife: LivroRápido, 2004.

TERRORISMO DE GÊNERO - MC LINN DA QUEBRADA. Temporada 8 do Programa Entrevista. **Futura Play**. Disponível em: <<http://www.futuraplay.org/video/terrorismo-de-genero-mc-linn-da-quebrada/347782/>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

TRAILER DE BIXA TRAVESTY - COMPETENCIA OFICIAL DOCUMENTAL. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PILdBo8p81c>>. Acesso em 16 maio 2019.

TRANSGENDER Europe: **Trans Day of Remembrance (TDoR) 2017 - Press Release**. Site do Transgender Europe (TGEU). Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-remembrance-2017/>>. Acesso em 04 jun. 2019.

V., Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2018.